

# ABRAM AS PORTAS. PRECISAMOS ENTRAR...

---

Flávio Bezerra Barros

## Resumo

É urgente que, em pleno alvorecer do século XXI, a Universidade reflita sua condição de ser e estar neste mundo. É necessário, contudo, que essa reflexão esteja acompanhada de uma boa dose de abertura para a sociedade plural, e não apenas aquela que se denomina letrada. A Universidade precisa convergir para um terreno que esteja longe do estigma da "elite intelectual", pois esta divide o saber em castas e afasta a possibilidade do diálogo entre a diversidade de sujeitos e de saberes. O presente texto tem a intenção de animar essa discussão. Compartilha uma experiência pedagógica vivenciada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, no âmbito da disciplina Biologia da Educação. A intervenção se deu com estudantes e professores de uma escola pública de Abaetetuba/Pará e mostrou que é possível transpor barreiras quando se quer transformar.

**Palavras-chave:** universidade, ciência, oficina de futuro, experiência pedagógica.

## OPEN THE DOORS. WE NEED TO ENTER...

## Abstract

It is urgent that in the full dawn of the XXI century the University reflects its condition of being and exists in this world. It is necessary, however, that this reflection to be followed by good dose of opening for the plural society, and not only that one that scholars recognize. The University needs to converge to a ground that is far from the stigma of the "intellectual elite" since it divides the knowledge in castes and moves away the possibility of a dialogue among the diverse subjects and their knowledge. The present text has the intention to liven up this discussion. It shares a lived pedagogical experience from the Pedagogy Course at the Federal University of Pará, in the scope of the Biology Education discipline. The intervention was carried out with students and teachers of a public school of Abaetetuba/Pará and demonstrates that is possible to overcome the barriers to achieve the transformation.

**Key Words:** university, science, future workshop, pedagogical experience.

Em conclusão, para que nos serviram todos os conhecimentos parcelares se não os confrontássemos uns com os outros, a fim de formar uma configuração capaz de responder às nossas expectativas, necessidades e interrogações? (MORIN, 2002, p. 59)

Quando estamos comprometidos com o espírito de partilhar com as crianças as poderosas constantes que fazem desse mundo algo mais previsível, a ciência adquire vida na sala de aula. Quando nosso foco se transfere do ensino de fatos para o ensino das crianças, o processo de ajuda para a descoberta de conhecimento iluminador permanece dinâmico e revigorado. (HARLAN e RIVKIN, 2002, p. 22)

## **Considerações Iniciais**

Este ensaio tem como finalidade socializar uma experiência pedagógica vivenciada no âmbito da disciplina Biologia da Educação, ministrada no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Abaetetuba, durante o segundo semestre de 2008.

Uma metodologia corrente adotada por mim, enquanto docente da disciplina, é disponibilizar um leque de opções de atividades práticas que os alunos possam executar. Cada atividade é democraticamente selecionada pelas diferentes turmas. Muito embora a disciplina não tenha um perfil de prática de ensino, tais experiências têm-se mostrado bastante significativas do ponto de vista de experimentar na prática os conteúdos trabalhados e discutidos em sala de aula. Atividades com temas biológicos em conexão com a educação, como drogas, sexualidade, meio ambiente, doenças da infância, higiene e saúde, nutrição e merenda escolar são trabalhadas na forma de pesquisa que envolvem os diferentes sujeitos da escola. Essas vivências incluem festivais temáticos, debates com a participação da sociedade civil, oficinas de futuro, dentre outras.

A experiência que será aqui compartilhada é a oficina de futuro, que envolveu todos os alunos de Pedagogia da Turma 2007, sendo a unidade de ensino selecionada para execução a Escola Municipal de

Educação Infantil e Ensino Fundamental Santa Anastácia, localizada no bairro Mutirão, em Abaetetuba, Estado do Pará.

### **Ciência e Universidade: algumas reflexões**

Em tempos de terceiro milênio, ainda constatamos com muita expressividade o distanciamento que separa a Universidade do restante da sociedade. Não se pode esquecer, contudo, que muitas conquistas que hoje permeiam o mundo moderno globalizado surgiram a partir de investigações realizadas no seio da Academia. Isso, de fato, não se pode negar.

Não é de hoje que essa discussão em torno do distanciamento entre universidade e sociedade tem sido pautada. Historicamente, trazemos uma tradição de modelo de universidade europeia, que tradicionalmente fragmentou os saberes, dividiu a universidade por áreas de conhecimento e pouco valorizou a integração desse universo com a sociedade plural. Carvalho (2004) discorreu sobre algumas características dessa tradição eurocêntrica, citando, como exemplos, a falta de diálogo entre os diferentes departamentos ou setores da universidade brasileira, o forte incentivo do ensino de línguas europeias (italiano, inglês, francês, espanhol, dentre outras) no espaço universitário brasileiro, a padronização em cadeia nacional do ensino universitário, elementos que desprestigiam a pluralidade linguística das regiões, a diversidade cultural, a criatividade e a integração de saberes. Nesta linha de pensamento, Carvalho (2004), defende a extensão como espaço de integração de saberes, de conexões e de aproximação. Assim, a experiência aqui socializada vem reafirmar o valor que a prática da extensão tem no sentido de dirimir os obstáculos historicamente vividos no cerne da universidade moldada no sistema eurocêntrico.

Se, por um lado, a Ciência moderna tem dado conta de resolver as inquietações que por muito tempo incomodaram a humanidade, seja no campo da Medicina, seja no âmbito da Astronomia ou da Física; por outro, esses avanços científicos têm corroborado alguns prejuízos, o que, sobremaneira, tem causado efeitos desastrosos que põem em causa a estabilidade da vida de todos os seres desse planeta.

Um exemplo simples e planetário é a invenção da garrafa PET. Esta, quando foi criada, trouxe inúmeros benefícios para os seres humanos. As pessoas deixaram para trás o incômodo de levarem às compras as velhas garrafas de vidro para serem trocadas pelo refrigerante. Havia ainda o perigo de quebrar. As garrafas PET,

portanto, foram muito bem-vindas. Hoje ainda são, mas os problemas que essa invenção humana trouxe para o planeta são inquestionáveis. Em todo o mundo, esse produto que se usa e descarta rapidamente vem causando poluição em diversos ambientes. O que foi preciso fazer, então? Resolver a confusão que “criamos”. Para isso, foi (e está sendo) necessário contar com a criatividade para reciclar, dar outros sentidos ao PET, e hoje, esse tipo de produto tem sido inclusive uma das fontes de renda de populações carentes, que sobrevivem totalmente ou em parte da venda do “lixo” que se transforma em outros objetivos e produtos utilizáveis. Outros exemplos, como as embalagens de vidro e metal, ilustram essa mudança ocorrida nas sociedades modernas.

O título deste ensaio faz um chamamento à reflexão. É preciso pensarmos a Universidade para que ela possa estar mais inserida no seu meio social de maneira articulada, integrando saberes e práticas para a transformação da vida dos sujeitos. Mas essa articulação tão almejada por uma parte da Academia, uma Academia marcada historicamente como um espaço de produção de saber para poucos (a conhecida elite intelectual), não pode ser solidificada se antes de tudo não exercitarmos o pensamento do real papel do conhecimento, se não indagarmos para quê, por quê, para quem e, ainda, como.

Na qualidade de docente da disciplina objeto de reflexão desse relato de experiência, coloco-me constantemente à disposição para problematizar as seguintes questões junto aos alunos do Curso: O que entendo por Biologia? Que relação tem a Biologia com a Pedagogia? Qual o papel dessa Ciência num Curso de formação de professores? Como os conceitos e conhecimentos dessa disciplina podem ser úteis no meu cotidiano como educador? Esses questionamentos contribuem significativamente com a formação dos estudantes de Pedagogia, pois, pelo menos no campo da Biologia da Educação, esse exercício tem permitido aos estudantes (re) elaborar e (re) construir suas ideias para um olhar mais sistêmico do sujeito, ou seja, perceber que esse tal sujeito é, ao mesmo tempo, um ser social, biológico e cultural e que esses aspectos estão intimamente interligados na constituição da figura humana.

### **A experiência...**

No início do texto, Edgar Morin, um dos maiores pensadores do nosso tempo, traz uma reflexão acerca das expectativas, necessidades e interrogações, com base na função do conhecimento. Faz um mergulho

na ideia de que este conhecimento deva estar a serviço daquela tríade anteriormente colocada e que este conhecimento, se não for interligado, torna-se distante do seu alcance mais amplo, porque atingirá apenas uma parte do objetivo. Harlan e Rivkin, neste contexto, “ênfaticamente a importância do papel que o ensino das crianças tem quando acontece na perspectiva destas, podendo produzir efeitos fantásticos na formação desses seres em construção”. (2002, p. 74). Infelizmente, a prática nos revela que nem sempre é assim. Vários fatores contribuem para essa não-realidade, o que não vale a pena destacar aqui.

Mas, como teve início essa tal experiência? Primeiro, os alunos escolheram a opção “Oficinas de Futuro”. Estas, segundo Trajber e Costa (2001), são concebidas a partir da paixão, resistência e atitude que enfeitam o pensamento da Educação Ambiental. Criada pelo Instituto Ecoar para a Cidadania, tem como finalidade trabalhar projetos de melhoria da qualidade de vida com comunidades. No nosso caso, essa metodologia teve ainda como objetivo aproximar Universidade e comunidade local para fortalecer a interação mútua entre os setores, proporcionando aos alunos colocarem em prática as aprendizagens e abordagens trabalhadas em sala de aula, e à comunidade escolar, a oportunidade de ter acesso a informações e práticas como meio de permitir a sensibilização que antecede a conscientização para a transformação do mundo.

Em seguida, dividimos a turma em 4 (quatro) grupos, compostos de 9 (nove) estudantes. O próximo passo foi sortear os temas e as metodologias que seriam aplicadas (ver Quadro I).

**Quadro I:** Temas trabalhados e técnicas empregadas nas Oficinas de Futuro.

Temas trabalhados	Técnica empregada	Grupos
Saúde	Trilhas e Jogos	Alda, Ana Melre, Claudeni, Denilda, Jackeline, Elisângela, Maria do Socorro, Jocicleia, Viviane.
Poluição Ambiental	Teatro de bonecos	Ana Carolina, Delma, Edilene, Jackeline Leão, Jemima, Maria do Socorro Vieira, Odicleia, Vânia, Rosa Cravo
Higiene Pessoal	Programa de televisão	Andrea Cristina, Dilvana, Elizandra, Glauciana, Elza, Jucileia, Maria Lurdileia, Onildes, Taya.
Lixo	Pintura, desenhos, reciclagem	Elivânia, Emilly, Marcelo, Maria Orlete, Rosilda, Nelma, Milka, Marilúcia, Marlúcia.

Discutiram-se, em seguida, as comissões de organização das oficinas, sendo instituídas 3 (três) comissões: 1) infra-estrutura: tinha como

responsabilidade providenciar toda estrutura adequada para o encaminhamento das oficinas, como, por exemplo, máquina fotográfica, som, auditórios, salas de aula, banheiros, etc.; 2) patrocínio: essa comissão tinha como meta buscar apoio dos políticos e empresários da região para obtenção de camisetas, lanches, recursos materiais, brindes, que foram ofertados para as crianças; 3) mobilização: o papel dessa comissão era o de fazer a comunicação com a escola selecionada. De cada grupo, foram escolhidos 3 (três) membros para a composição de cada comissão.

Após essa etapa, cada grupo caiu em campo para preparar o trabalho. Para tanto, os estudantes realizaram pesquisas sobre os diversos temas, além de contar com a minha orientação.

Alguns critérios foram estabelecidos para a escolha da Escola Santa Anastácia, tais como: estar situada no mesmo bairro em que se encontra o campus da Universidade; ter disponível as séries iniciais do Ensino Fundamental no turno vespertino (horário de aula dos estudantes de Pedagogia); tratar-se de uma escola pública. Como o campus universitário da UFPA fica localizado num bairro bastante carente, fortemente marcado pela violência urbana, consumo de drogas, ausência de saneamento, dentre outros percalços, sentimo-nos ainda mais motivados a abrir as portas da Universidade para interagir com essa comunidade que vive aquém das condições mínimas de uma vida digna.

Tudo foi providenciado com muito afinco para o grande dia. A direção da escola nos comunicou que receberíamos a visita de aproximadamente 260 crianças, dentre as quatro séries, acompanhadas das professoras.

No dia 01 de outubro de 2008, o campus da UFPA ficou repleto de crianças e educadoras, que muito pouco tiveram a oportunidade de vivenciar experiências significativas num ambiente que antes parecia, apesar de tão perto, distante.

As oficinas foram organizadas em 4 (quatro) salas e os alunos foram divididos em 4 (quatro) grupos, de modo que cada grupo participou de todas as oficinas, de maneira alternada.

### **Avaliar: para quê?**

Estando a atual prática da avaliação educacional escolar a serviço de um entendimento teórico conservador da sociedade e da educação, para propor o rompimento dos seus limites, que é o que procuramos fazer, temos de

necessariamente situá-la num outro contexto pedagógico, ou seja, temos de, opostamente, colocar a avaliação escolar a serviço de uma pedagogia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social. (LUCKESI, 2006, p. 28).

Na aula seguinte após a execução das oficinas, realizamos uma avaliação coletiva em sala de aula, a fim de apontarmos os aspectos positivos e as fragilidades da experiência vivida. Desde o início da escolha da proposta, essa etapa foi prevista. Levamos em conta alguns critérios para esse momento pós-oficina. Questionamo-nos se conseguimos atingir nossos objetivos, se as metodologias utilizadas se mostraram adequadas aos temas e às séries, que tipos de problemas surgiram durante as oficinas, tanto no nível pedagógico como estrutural, e se a comunidade escolar (alunos e professoras) demonstrou interesse durante consecução das atividades.

Nossa concepção de avaliação é aquela que permite traçarmos um olhar crítico da nossa prática, estando longe de ser uma ação meramente mecânica e formal, que serve para atribuir uma nota. Pelo contrário, como diz Luckesi (2006), essa avaliação tem muito mais uma função de fundamentar “uma pedagogia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social”. A avaliação serviu, nesse caso, para refletirmos sobre como melhorar a nossa prática pedagógica. Mas para que melhorar essa prática pedagógica? Certamente, para ajudarmos a transformar o mundo (mesmo que seja numa ação local) com a concepção de educação em que acreditamos, aquela que emancipa o indivíduo e o torna “preparado” para a vida, para o mundo.

Como foi a primeira experiência da turma, os anseios e nervosismos durante todo o percurso das oficinas, desde sua concepção até o dia da execução, sempre estiveram presentes. Mas, embalados pelo desafio de experimentar, ousar, arriscar, conseguiram superar tais obstáculos, muito mais do campo emocional. Desse modo, a oficina conseguiu ser um sucesso e alguns comentários das professoras podem confirmar: “*precisamos vir mais vezes aqui*”, “*por favor, eu poderia levar esse jogo para brincar com meus alunos?*”, “*aprendi bastante nessa tarde de hoje*”, “*é muito importante a Universidade fazer isso com a gente*”. Não obstante, para os alunos também foi uma experiência bastante significativa, comprovada nos olhos e sorrisos e no grau de interação e atenção com as atividades. A proposta pedagógica lúdica pôde proporcionar um aprendizado diferente e participativo.

As principais dificuldades deram-se no campo da infraestrutura e no uso do tempo estabelecido pelos grupos, o que fez com que alguns grupos tivessem que esperar o encerramento da oficina em uma sala para poder participar da atividade.

Por fim, os estudantes apresentaram relatórios das oficinas, com o olhar de cada grupo sobre a intervenção, embasamento teórico do tema abordado, objetivos e descrição da metodologia utilizada, além de registros fotográficos.

### **Considerações finais**

À luz da complexidade de Morin, dos ensinamentos de Paulo Freire e da vontade de aproximar Universidade e comunidade, percebemos que muito temos para contribuir com a sociedade. É preciso caminharmos juntos, dando vida e praticidade ao conhecimento que produzimos no interior da Academia. Nossa ciência precisa chegar ao maior número de pessoas. Necessita ser mais urgente e emergente. Se não for, ela será pouco efetiva, mais demorada no que se propõe alcançar. Mais ainda, precisamos formar educadores comprometidos com uma educação transformadora, pois, como diz Libâneo (2007), “é preciso formar um cidadão-trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas para integrar o mercado de trabalho”. E acrescenta esse autor em relação à ética: “é preciso formar valores e atitudes ante o mundo da política e da economia, o consumismo, o sexo, a droga, a predação ambiental, a violência, e perante, também, as formas de exploração que se mantêm no capitalismo contemporâneo”. (2007, p. 65).

É, pois, a Universidade um cenário ideal para problematizar essas questões, para auxiliar na busca dessas mudanças... Por isso, as crianças disseram: precisamos vir mais vezes para cá. E nós dizemos às Universidades que elas precisam abrir suas portas, porque há muita gente querendo entrar!

### **Agradecimentos**

À direção da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Santa Anastácia, por ter aceitado nosso convite para viajar nessa aventura das oficinas; ao Campus Universitário da UFPA em Abaetetuba, por todo apoio concedido; à Secretaria de Saúde de Abaetetuba, pela contribuição com os kits de higiene oral; aos

empresários locais; a ALBRAS (Alumínios do Brasil S.A.); e aos estudantes de Pedagogia da Turma 2007, que aceitaram navegar nesse desafio e foram brilhantes na organização e execução das oficinas.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Jorge de. A prática da extensão como resistência ao eurocentrismo, ao racismo e à mercantilização da Universidade. Texto da conferência proferida no V Salão de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Série Antropologia, 363, 2004. 23p.

HARLAN, Jean D. e RIVKIN, Mary S. *Ciências na educação infantil: uma abordagem integrada*. Tradução: Regina Garcez. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 352p.

LIBÂNIO, José Carlos. *Adeus, professor, adeus professora?* 10 ed. São Paulo: Cortez, 2007. 104p.

LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2006. 180p.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de e CARVALHO, Edgar de Assis (orgs.). São Paulo: Cortez, 2002. 102p.

TRAJBER, Rachel e COSTA, Larissa Barbosa da. Avaliando materiais audiovisuais de educação ambiental. In: TRAJBER, Rachel e COSTA, Larissa Barbosa da (orgs.). *Avaliando a educação ambiental no Brasil: materiais audiovisuais*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis. Instituto Ecoar para a Cidadania, 2001. p. 13-28.

---

---

Flávio Bezerra Barros - graduado em Biologia pela UFRPE. Mestre em Zoologia pela UFPB. Foi professor do Ensino Fundamental nas redes oficiais de ensino dos municípios de Recife e João Pessoa. Atualmente é docente-pesquisador da Faculdade de Educação da UFPA - Campus Universitário de Altamira. Pesquisador do Laboratório Agroecológico da Transamazônica (LAET). Doutorando em Biologia da Conservação pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

E-mail: flaviobb@ufpa.br

---

---